

O estatuto sociocognitivo do contexto na orientação argumentativa das práticas referenciais*

Edwiges Maria Morato**
Universidade Estadual de Campinas / CNPq

Resumo

Este texto tem o objetivo de discutir o estatuto do contexto na compreensão da orientação argumentativa das práticas referenciais de pessoas afásicas que apresentam alterações em sua capacidade de realizar operações metalingüísticas. Com base na descrição dos movimentos realizados pelos sujeitos no decurso de um episódio interativo com vistas à construção e à negociação do sentido de uma determinada expressão idiomática, procuramos entrever e analisar dois aspectos do percurso (e do papel) sociocognitivo do contexto: incorporação e emergência (cf. Hanks 2008). Ao operarem com essas dimensões do contexto os sujeitos explicitam, na enunciação, o caráter essencialmente intersubjetivo das manifestações lingüístico-cognitivas.

Palavras-chave: contexto; referenciação; argumentação; socio-cognitivismo.

Abstract

This article has as its main objective to discuss the role of context on the argumentative orientation of referential practices performed by aphasic subjects during a meeting with non-aphasic subjects. Based on the descriptions of subjects' language activities in the course of an interaction that has as its main topic the discussion of an idiomatic expression, we analyzed two aspects of socio-cognitive context and practices: embedding and emergence (Cf. Hanks 2008). When working with both dimensions, aphasic subjects make explicit through enunciation the interactive nature of linguistic and cognitive manifestations.

* Recebido em 12/10/0228. Aprovado em 22/10/2008.

** Pesquisadora do CNPq e membro do GT "Lingüística e Cognição", da ANPOLL, é professora do Departamento de Lingüística da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Recebido em 12/10/0228. Aprovado em 22/10/2008.

Key words: context; referential practices; argumentation; social cognition.

Résumé: Cet article a le but de réfléchir à propos du statut du contexte dans la compréhension de l'orientation argumentative des pratiques référentielles de sujets aphasiques – sujets que présentent des altérations dans leurs capacités de réaliser des opérations métalinguistiques. À partir de descriptions des mouvements réalisés par des sujets dans le cours d'un épisode interactif tout autour de la construction et la négociation du sens d'une expression idiomatique nous cherchons à analyser deux aspects du parcours (et du rôle) sociocognitif du contexte : incorporation et émergence (Cf. Hanks 2008). En travaillant avec ces deux dimensions du contexte les sujets explicitent, dans l'énonciation, le caractère essentiellement intersubjectif des manifestations linguistico-cognitives.

Mots-clé: contexte; référenciation; argumentation; sociocognitivisme.

Introdução

Hoje entra com alguma força na cena teórica nas investigações sobre cognição a idéia de situar o foco mais nas atividades de construção do conhecimento e menos nas atividades de processamento, tal como se fez nas décadas de 70 e 80 no campo da Psicologia Experimental, quando se considerava a cognição no nível do indivíduo. Ao analisar as atividades de construção pode-se ter uma visão mais clara de como emergem nas práticas públicas as propriedades da cognição e assim captar o dinamismo dos processos que dão origem a estruturas conceituais tão complexas como as metáforas, metonímias, ironias, idiomatismos, polissemias, indeterminação referencial, dêiticos, anáforas etc., chegando à própria noção de contexto.

Luiz Antônio Marcuschi (2003:45)

Tributário da ponderação expressa na epígrafe com que é aberto, este texto tem o objetivo de discutir o estatuto sociocognitivo do contexto na compreensão da orientação argumentativa das práticas referenciais em consonância com o arrazoado cheio de perspicácia e de desafio do mestre Luiz Antônio Marcuschi, a quem é dedicada a discussão aqui desenvolvida.

Para o diálogo aberto pela ponderação marcuschiana encerrada na epígrafe acima, destacarei a reflexão de um outro autor, também intrigado com as limitações das explicações internalistas ou externalistas no tocante ao sentido e ao contexto: trata-se do antropólogo e linguista William F. Hanks, para quem:

o foco no contexto, tanto como fator restritivo quanto como produto do discurso, tem conduzido a um refinamento cada vez mais crescente das abordagens da fala, já que é principalmente na elaboração de enunciados falados ou escritos que linguagem e contexto são articulados. (Hanks 2008: 167).

Sob inspiração de uma perspectiva textual-interativa, também chamada sociocognitiva (cf. Marcuschi 2003), a idéia que defendo aqui é que se o contexto possui uma significação intrínseca não é porque ele teria um sentido fora de toda situação concreta, mas porque ele está sempre preso a uma situação concreta. Em outras palavras, o contexto participa ou tem a ver com um estado de coisas que em parte está organizado *a priori*, e em parte com uma significação que vem de sua própria organização. Mais do que ensaiar uma “semiologização do contexto”, inclinação teórica de inspiração estruturalista ou construtivista ou que tem marcado o enfrentamento da polissemia do termo contexto (cf. Koch 2002), minha intenção, bem mais simples, é de marcar em um episódio interacional ordinário, seu percurso a um só tempo emergencial e incorporado (cf. Hanks 2008), ou seja, é aprofundar no domínio empírico instanciado enunciativamente os limites ou os becos sem saídas seja do internalismo, seja do externalismo lingüístico,¹ bem como apontar a solidariedade constitutiva entre língua e mundo social, entre o lingüístico e o extralingüístico. Como afirma Hanks (2008:170), “esta polarização dá origem a exageros e deixa escapar muitas oportunidades de pesquisa produtiva”. Dito de outra forma, o contexto não é concebido aprioristicamente e nem meramente complementar em relação à construção do sentido.

A partir de uma perspectiva sociocognitiva, as fronteiras entre a língua, a cognição e o mundo tornam-se mais plásticas e tênues, passíveis de reversão, ampliação, demarcação ou determinação de acordo com a atividade sócio-interacional que lhe serve de fundamento; assim, é nas práticas discursivas que as diferentes instruções de diferentes,

¹ Uma das motivações para isso é o fato empírico de que as práticas discursivas são configuradas por e ajudam a configurar os contextos em vários níveis. Outra motivação é a patente inadequação de todas as explicações dicotômicas, que inevitavelmente distorcem a importância relativa das características contextuais e produzem um vazio entre um nível e outro. Por ser um empreendimento interdisciplinar, a antropologia lingüística sempre incluiu a gramática e o uso efetivo da língua nos cenários definidos social e historicamente. O foco sobre o discurso requer análise detalhada dos fatos lingüísticos e etnográficos emergentes localmente (por essa razão, “micro”), ao passo que o foco nos sistemas lingüísticos e socioculturais requer análises igualmente cuidadosas das regularidades formais e funcionais, cujas motivações se encontram muito além dos indivíduos e de suas ações (por essa razão, “macro”). (Hanks 2008:174).

solidários e interatuantes contextos poderão ser qualificadas na construção do sentido, da referência, da argumentação.

Do ponto de vista da análise do percurso interacional, sócio-cognitivo (cf. Koch 2004; Marcuschi 2003; Salomão 1999), são salientadas nessa concepção de contexto tanto sua *dimensão multimodal*, relativa à presença na construção do sentido de semioses verbais e não-verbais co-ocorrentes nas situações enunciativas, quanto sua *dimensão duplamente “situada”*, relativa tanto à situacionalidade/indexicalidade da significação, quanto à circunstância histórico-cultural de toda ação humana. Na relação dialética entre ambos é que os sujeitos podem ocupar diferentes posições enunciativas (“diferentes lugares de sujeito” em um campo social mais amplo), exibir competências sociais e comunicativas ligadas às exigências das práticas interacionais, estruturar ações coordenadas em termos de sequência e temporalidade, produzir gestos interpretativos de forma heurística, colaborativa, negociada e contingenciada.

Nesse cenário, a *práxis* social é que modula e organiza simbolicamente nossa experiência lingüístico-cognitiva, de modo a circunscrever nossa percepção/cognição como um resultado e não como um antecedente de nossa atividade interacional ou interpretativa com o mundo.

Ao procurar compreender melhor o percurso sociocognitivo (criativo, multimodal, interacional) da construção do sentido, podemos estabelecer na situação enunciativa, para efeito de um empreendimento analítico, duas dimensões do contexto descritas por Hanks, a saber, de *emergência* (relativa a aspectos lingüístico-discursivos que surgem no curso da interação) e de *incorporação* (relativa a aspectos contextuais e pragmáticos do enquadramento ou encaixamento social dos interactantes e seus enunciados e enunciações).

Essas duas dimensões do contexto integram-se, segundo o autor, a partir de

um alinhamento inicial da emergência com a esfera altamente local da produção do enunciado, e a incorporação ao contexto em larga escala, por outro lado. [...] A emergência está associada ao chamado tempo real da produção do enunciado e da interação, e a incorporação descreve a situação dos enunciados em algum contexto mais amplo. Entretanto, a emergência pode ser facilmente concebida em níveis temporais diferentes, como qualquer historiador sabe, assim com a incorporação aplica-se a campos mais locais de produção do enunciado. (2008: 175).

A argumentação, nesse cenário, é tomada enquanto um fenômeno interacional de caráter lingüístico-discursivo, que envolve aspectos lingüísticos (como operadores e modificadores lingüísticos e escolhas lexicais), pragmáticos (como adequação de uma conduta argumentativa em relação a uma situação específica) e cognitivos (como o reconhecimento de condutas argumentativas específicas, ou o reconhecimento de intenções e de estereótipos ou categorizações sociais), articulados enunciativamente. As práticas referenciais que atuam explicita ou implicitamente na orientação argumentativa são reconhecidas em meio à construção de *“categorias flexíveis e instáveis, através dos processos complexos de categorização produzindo as categorias potencialmente memorizadas e lexicalizadas”* (Mondada; Dubois 2003:35).

Por meios de suas duas dimensões textual-interativamente integradas, o contexto atua na referenciação — e, naturalmente, na argumentação — como um processo sociocognitivo flexível, negociado, co-construído: *“um conjunto de representações que os interlocutores têm do contexto”* (Kerbrat-Orecchioni 1996:41).

No campo dos estudos neurolingüísticos, é forte ainda o entendimento estruturalista de que nas afasias,² definidas como alterações da capacidade de realizar operações metalingüísticas, encontram-se comprometidos ou reduzidos — senão a língua enquanto sistema psicológico abstrato - os processos lógico-perceptivos (isto é, não lingüísticos) responsáveis pela identificação e controle da referência. Nessa perspectiva, o que estaria perdido ou alterado nas patologias lingüístico-cognitivas seria o caráter metalingüístico e referencial da linguagem, a capacidade que a linguagem teria de representar ou autorizar as representações lógico-perceptivas do mundo. De uma só vez, reduz-se aí a metalinguagem às operações metalingüísticas, e o componente “meta” a uma ordem da qual se exclui a linguagem e processos afeitos a ela (cf. Morato 2005).

Se analisarmos de forma detalhada o exercício intersubjetivo de construção do sentido realizado pelos sujeitos no decurso de suas interações, poderemos vislumbrar — questionando a clássica definição de perda da metalinguagem - variados processos de ordem meta (metalingüísticos, meta-enunciativos, epilingüísticos, etc.) e várias atividades referenciais (categorizadores, recategorizadores, anafóricos, etc.), explícitas ou implícitas, mobilizadas por eles; com isso, poderemos

² As afasias são *grossa modo* dificuldades de linguagem, oral e/ou escrita, decorrentes de lesão cerebral adquirida. Implicando variados graus de dificuldades de produção e compreensão da linguagem, podem ainda ser acompanhadas de outros sintomas neuropsicológicos e sinais neurológicos (como anosognosia, hemiparesia, etc.).

observar o percurso textual-interativo ou sócio-cognitivo da significação, observando ainda a maneira como os interactantes convocam os processos contextuais de emergência e de incorporação. Essencial para a construção do tecido enunciativo nos chamados contextos normais de fala, essas práticas lingüístico-interacionais não apenas estão presentes nas afasias como nelas atuam para os efeitos de reorganização dos propósitos discursivos dos afásicos.

Exemplificação: *a barriga dói* (APHASIACERCUS-CCA- 07/10/2004)

O episódio de que vou me servir para explorar a reflexão feita até aqui foi extraído de uma situação interativa entre afásicos e não-afásicos. A transcrição desse episódio, cujo sistema de notação segue no anexo deste texto, inspirada nos estudos conversacionais de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), bem como nos de Mondada (2004), foi realizada por pesquisadores que integram o grupo de pesquisa “Cognição, Interação e Significação”, por mim coordenado.

Na seqüência a ser apresentada, os sujeitos que interagem no Centro de Convivência de Afásicos³ estão entretidos com uma atividade de identificação de sentido de expressões idiomáticas; estão, portanto, às voltas com uma atividade referencial.

Ao apontar a emergência de movimentos de significação verbais e não verbais do contexto na objetivação do sentido no episódio em questão, procuro assinalar não apenas o preenchimento não-verbal da carência metalingüística própria das afasias, mas, antes, a constituição sócio-cognitiva da linguagem e do contexto (situacional e enunciativo) nos processos referenciais.

Vejamos o que ocorre na passagem abaixo, que nos mostra o percurso da construção da interpretação da expressão idiomática “a barriga dói” (na verdade, “dor de barriga não dá uma vez só” ou “a barriga não dói uma vez só”) por uma pessoa afásica em conjunto com seus interlocutores afásicos e não afásicos. Tal expressão, usada tanto em interações diretas entre locutor e interlocutor, como quando, numa conversa, se faz referência a um terceiro (que teria sido ingrato, mal agradecido), refere-se também às situações em que prevenimos alguém que não atenta para uma demanda nossa sobre a eventual necessidade que terá de nós ou de nossos préstimos — daí o tom de advertência em enunciados como “cuidado, que a barriga dói”.

³ O Centro de Convivência de Afásicos (CCA), localizado no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, pode ser definido como um espaço de interação entre pessoas afásicas e não-afásicas cujo objetivo é desenvolver estudos lingüísticos e neurolingüísticos, bem como garantir às pessoas afásicas efeitos terapêuticos e subjetivos possibilitados por variadas práticas interacionais e formas de inserção em uma comunidade de práticas sociais cotidianas (Morato 2007).

Durante a atividade em curso, o grupo procurava reconhecer e interpretar coletivamente o sentido de várias expressões idiomáticas a partir de figuras projetadas em um telão que procuravam retratar supostos sentidos literais dessas expressões. O grupo mostrou grande adesão ao ‘jogo metafórico’ da atividade e, após discutir a expressão “marcar touca” (em que na figura aparecia um sujeito de costas com uma touca com um ‘X’ marcado nela), passou a decidir se iria ou não ver mais figuras de expressões idiomáticas.

Nesse momento, NS, uma senhora afásica, parece lembrar-se de uma determinada expressão. Vale notar que essa expressão idiomática aventada por NS é ignorada por todos do grupo, afásicos e não-afásicos, que passam a fazer inferências a partir das instruções iniciais fornecidas por ela.

De forma geral, podemos observar no episódio em foco os movimentos e gestos interpretativos que emergem na interação de modo a assinalar que o referente — bem como o tópico — vai sendo construído e negociado colaborativamente pelos interactantes no decurso da ação; são eles passíveis de serem “visualizados” em termos sequenciais e temporais nos enunciados e nas semioses não verbais co-ocorrentes: explicitação ou comentário sobre seleção lexical, formas meta-enunciativas variadas (comentários, discurso direto), recategorização, manipulação enunciativa do conhecimento enciclopédico e compartilhado, marca de reconhecimento de pressupostos culturais e de regras pragmáticas, reajustes enunciativos, asserções metalingüísticas, atividades corretivas, categorização social dos falantes, manejo do tópico conversacional.

A construção do sentido da expressão ‘a barriga dói’ se dá de *maneira* negociada e colaborativa durante toda a interação. A confirmação de que o ‘sentido foi atingido’ pode ser apreciado nas falas finais e, mais pontualmente, na última fala de NS (linha 47 – ‘isso... isso...’), que dá o seu aval para o ‘resultado final’ dessa construção.

Esses movimentos de sentido organizam e caracterizam práticas de determinado campo social (*cf.* Hanks 2008) e nos permitem identificar suas práticas interacionais (o CCA como uma iniciativa própria das atividades fins da Universidade, a saber, associar pesquisa acadêmica e intervenção social pautada na restituição de papéis sociais de pessoas afásicas, em geral delas despojadas em função, principalmente, de uma categorização social que recebe todo tipo de injunção ético-discursiva, ancorada na idéia — preconceituosa — de que aquele que não fala bem não pensa bem).

01. **NS**: por que é... é... “barriga dói ” ? ((dirigindo-se a EM))
02. EM: ah?
03. **NS**: por que “barriga dói”?

04. ((silêncio))
 05. EM: por que... barriga... dói?
 06. **NS**: é
 07. ((risos de todo do grupo, cujos membros se entreolham))
 08. **NS**: expressão... expressão ((interpela o grupo para obter uma resposta))
 09. HM: a expressão... quando fala... a barriga dói?
 10. **NS**: [não...
 11. JC: goiaba tem bicho... não é isso?
 12. **NS**: não
 13. EM: peraí ((olhando para NS))... você tá falando da expressão?
 14. **NS**: é
 ----→((sorrindo, balançando a cabeça em sinal de concordância))
 15. EM: ... a barriga dói?
 16. **NS**: é
 17. ((EM e HM se entreolham))
 18. HM: não conheço não ((olhando para EM e em seguida para NS))
 19. RN: ((dirigindo-se a NS) mas com esse sentido.. é... de “marcar touca”? ((RN refere-se à última expressão em análise na atividade recém-finalizada))
 20. **NS**: espera... espera... eu penso... a Leila... a Leila
 21. EM: diga... diga...
 22. **NS**: a Leila mente... falo assim: “você vai ver Leila, um dia a barriga dói”
 23. EM: ah! ((expressão facial de contentamento))
 24. JC: como é que é?... ela mente?
 25. EM: ((dirigindo-se a JC)) ela mente... aí ela tem um castigo futuramente... um dia...
 26. **NS**: ...”um dia barriga dói”
 27. EM: [um dia alguém te pega
 28. **NS**: ((concordando com EM, com a cabeça)) é... sabe por quê?... a Leila mente... a Leila mente né?... a Leila mente... eu falo pra ela “a barriga dói”
 29. EM: “um dia a barriga dói”
 30. JC: você falou pra ela? ((dirigindo-se a NS))
 31. **NS**: já
 32. JC: ((ao grupo, em voz baixa)) tem a ver com Prometeu acho...
 33. ((o grupo todo fala ao mesmo tempo, alguns pesquisadores e afásicos riem e se entreolham))
 34. **NS**: então... que nem... espera ((4s)) eu penso... eu PENso... eu penso “Leila vamo Sumaré”... a Leila não vai... aí eu falo

“Leila você vai vê... a barriga dói... na minha casa Ó acabô...’a barriga dói’...”

35.JC: você fala isso pra ela?

36.NS: é ((sorrindo, olha para JC, balançando a cabeça em sinal de concordância))

37.JC: “um dia Leila... a barriga dói”

38.EM: como alguma coisa que vai te acontecer...

39.FC: “um dia a casa cai”

40.JC: é ((4s)) por aqui tem muitas coisas frágeis

41. *--→* ((aponta para a própria barriga, fazendo movimentos circulares com a mão))

42.NS: [não... “barriga dói”... pensa ó

----→ ((eleva a mão à cabeça, apontando-a com o dedo indicador))

43.EM: é... a barriga não dói de fato...

44.NS: ((dirigindo-se a EM, balançando a cabeça em sinal de concordância)) não... não... “a barriga dói”

46.EM: um castigo vai acontecer né?... você mente agora... mas um dia...

47.NS: ISSO... isso...

Tomados como processos lingüístico-discursivos e sócio-cognitivos, os movimentos e gestos interpretativos emergem na interação de modo a assinalar que o referente vai sendo construído e negociado colaborativamente pelos interactantes no decurso da ação; são eles passíveis de serem “visualizados” em termos seqüenciais e temporais nos enunciados e nas semioses não verbais co-ocorrentes: inferenciação, seleção lexical, meta-enunciação, intertextualidade, recategorização, manipulação enunciativa do conhecimento enciclopédico e compartilhado, reconhecimento de pressupostos culturais e de regras pragmáticas que presidem nossos gestos interpretativos, a busca da relevância tópica. Também a forma como a construção da referência e da orientação argumentativa se desenvolve de forma conjunta e negociada.

Inicialmente, pode-se observar nas linhas 2 (fala de EM: *ãh!*) e 4 (*silêncio do grupo*) o estranhamento do grupo frente à iniciativa verbal de NS, aparentemente não compreendida pelos demais. Esse estranhamento inicial, que é percebido e levado em conta por NS, é o que parece suscitar a construção negociada feita durante toda essa seqüência interativa.

Ao dizer ‘*expressão... expressão*’ (linha 8), NS, além da repetição, lança mão de uma forma meta-enunciativa, para, no plano da menção, continuar o jogo da identificação da expressão metafórica, identificar o referente em questão (a “expressão” barriga dói – a barriga não dói duas

vezes). Nessa formulação meta-enunciativa, NS explicita (contextualiza) de que ordem é a sua fala: é da ordem das idéias, do pensamento, estabelecendo, assim, uma orientação argumentativa específica.

É possível verificar uma negociação colaborativa de construção entre as linhas 9 e 16, em que se busca compreender sobre o que NS está falando. Aqui se observa claramente a busca que os interlocutores de NS fazem para descobrir o referente. EM, em sua fala (linhas 13 – *‘peráí... você tá falando da expressão?’* — e 15 – *‘... a barriga dói?’*), procura organizar o que até então parecia vago. Para isso, EM retoma duas das falas de NS, aquela em que esclarece estar falando de uma expressão e aquela em que fala qual é essa expressão. Entre as linhas 13 e 16 há um reajuste de referência discursiva: há uma negociação tópica entre EM e NS sobre o que estão a conversar.

Na linha 19 (*‘mas com esse sentido... é NS... de marcar touca?’*), RN tenta compreender a fala de NS buscando o sentido imediatamente anterior (função cognitiva de referência por meio de uma reativação do contexto situacional), que foi o da expressão ‘marcar touca’, discutida, conforme a própria descrição do contexto inicial do dado mostrou, pelo grupo.

A fala da linha 20 (*‘espera... espera... eu penso.. a Leila... a Leila...’*) constitui uma tentativa de NS de exemplificar para o grupo aquilo que quer dizer. Foi essa exemplificação que fez com que EM compreendesse a expressão e procurasse colaborar com NS no sentido de explicar para o restante do grupo o sentido da expressão ‘a barriga dói’. Assim, pensando em uma escala que varia entre o ‘sentido zero’ e o ‘sentido completo’, a expressão já não está mais ‘vazia de sentido’ para o grupo: a partir desse momento (linha 20), parte do grupo já havia compreendido ao menos o caminho a ser trilhado para a compreensão da expressão ‘A barriga dói’.

Apesar de um dos componentes do grupo parecer já ter compreendido o sentido da expressão, NS continua a trilhar um caminho para levar o restante do grupo a alcançar tal sentido. Dessa maneira, NS, na linha 22 (*‘a Leila mente... falo assim: “você vai ver Leila... um dia barriga dói”’*), apresenta uma cena enunciativa em que explicita um lugar interpretativo que a expressão pode ocupar no uso: você faz uma coisa errada e algo te acontece — mostra uma relação de causa e efeito.

Nas linhas 27 e 38, EM e FC procuram produzir paráfrases da expressão em foco, que no contexto inter-enunciativo não se mostram escolhas semântico-pragmaticamente relevantes em relação à expressão em foco.

Quando JC diz *‘tem a ver com Prometeu acho...’* (linha 32), os risos e os olhares mantidos entre os participantes indicam uma reprovação em relação à relevância de sua contribuição, potencialmente

digressiva. Estamos aqui, de fato, de um caso de ‘descontinuidade tópica’ (Jubran *et alli* 1992). Na tentativa de compreender a expressão, JC busca conhecimentos outros que não parecem coadunados com elementos considerados no momento. Em sua fala, imediatamente após a de JC, NS (linha 34 – *‘então... que nem... espera... eu penso... eu penso... eu penso Leila vamo Sumaré... a Leila não vai... aí eu falo: “Leila você vai vê... a barriga dói... na minha casa ó... acabo... a barriga dói...”*’) fez um ‘corte’ na fala de JC para reintroduzir não apenas o tópico conversacional (*então...*), mas uma cena enunciativa até mesmo mais pertinente do que a aventada anteriormente, que suscitou uma interpretação marginalmente relevante da expressão formulaica.

Quando JC (linha 40 – *é por aqui tem muitas coisas frágeis*) aponta para a própria barriga para buscar mais uma vez um ajuste do sentido da expressão ‘a barriga dói’, NS parece rejeitar essa direção interpretativa (linha 42 – *não... barriga dói...*), dizendo e sinalizando que o sentido é de outra ordem: da ordem das idéias, do pensamento. EM explicita o gesto de NS de apontar para a cabeça na linha 43: *‘a barriga não dói de fato’*. Novamente temos um exemplo de um dizer “dobrado” (*cf.* Authier-Revuz 1998), metaformativo e meta-enunciativo.

A construção do sentido da expressão ‘a barriga dói’ se deu de *maneira* colaborativa durante toda a interação. A confirmação de que o ‘sentido foi atingido’ pode ser apreciado nas falas finais e, mais pontualmente, na última fala de NS (linha 47 – *‘isso... isso...’*), que dá o seu aval para o ‘resultado final’ dessa construção.

Contexto: incorporação e emergência

Com base na descrição dos movimentos realizados pelos sujeitos no decurso da interação com vistas à construção e à negociação do sentido da expressão idiomática, podemos entrever dois aspectos do percurso (e do papel) sociocognitivo do contexto: incorporação e emergência.

— O contexto social previamente estruturado atua na estruturação do contexto enunciativo (funções predominantemente interacionais do contexto)

Para entendermos os processos de intercompreensão dos interactantes, chamamos a atenção para o fato de que o CCA se constitui para eles como um determinado campo social, ou como uma verdadeira comunidade de práticas, no interior da qual NS pode tomar a palavra e ocupar distintos papéis e posições enunciativas – não apenas de paciente ou de sujeito anônimo; também aqui importa observar o reconhecimento

pelos interactantes do contexto enunciativo imediato (o jogo de interpretação das expressões idiomáticas) e do conhecimento partilhado que mantêm ou não entre si e acerca do referente. É também dentro de um campo social mais amplo (o CCA) que as identidades sociais dos participantes ganham sentido no decurso da interação.

— O contexto enunciativo emergente atua na estruturação do contexto social (funções predominantemente lingüístico-textuais do contexto)

Para entendermos como as práticas referenciais e os variados processos meta (como a metadiscursividade, as operações epilingüísticas, as formas meta-enunciativas, *etc.*) atuam na orientação argumentativa e na constituição do contexto enunciativo do episódio em questão, chamamos a atenção para algumas manifestações lingüístico-textuais, ricamente acompanhada por semioses não-verbais, como risos, direcionamentos de olhares entre os interlocutores, expressão facial, dêiticos gestuais, ênfases corporais:

— utilização, por parte de NS, de uma construção meta-enunciativa (como o discurso direto, por meio do qual uma situação de enunciação é trazida para a constituição do enunciado): *“eu penso... eu PENso... eu penso “Leila vamo Sumaré”... a Leila não vai... aí eu falo “Leila você vai vê... a barriga dói... na minha casa Ó acabô...a barriga dói...”;*

— repetição e ênfase de natureza metalingüística da seleção lexical e da ativação do referente: *‘expressão... expressão’;*

— identificação, no plano meta-enunciativo e metalingüístico, do sentido da expressão metafórica: *a “expressão” barriga dói; a barriga não dói duas vezes; “a expressão... quando fala... a barriga dói!”*

— explicitação, por parte de NS e demais participantes, do registro da expressão por ela aventada, que é da ordem das idéias, do pensamento, e não da literalidade, estabelecendo, assim, uma orientação argumentativa específica; *“eu penso... eu PENso... eu penso; “a barriga não dói de fato...”;*

— evocação de referentes potencialmente irrelevantes, de forma a conferir o sentido da expressão em termos parafrásticos ou em termos de expressão definicional: *tem a ver com Prometeu? Goiaba tem bicho, não é isso? mas com esse sentido.. é... de “marcar touca”!; “um dia a casa cai”; “um dia alguém te pega”;*

— variadas checagens do código comum e ajustes enunciativos (meta-formulativos e meta-pragmáticos, Cf. Koch 2004) levados a cabo pelos interactantes: *“como é que é?”; “Você fala isso pra ela?”; “peráí... você tá falando da expressão?”;*

— hipóteses em torno da construção da determinação referencial por parte dos participantes não-afásicos: *ela mente... aí ela tem um castigo*

futuramente; a barriga não dói de fato...”; um castigo vai acontecer né?... você mente agora... mas um dia...; como alguma coisa que te vai acontecer...”;

— diferentes funções textual-discursivas da repetição, tanto por parte de NS, quanto dos demais participantes: “*expressão, expressão; “ não, não”; Por que... barriga... dói?; “um dia Leila... a barriga dói”*

— presença de semioses não-verbais co-ocorrentes à significação linguística: direcionamento de olhar para interpelar ou selecionar o interlocutor, risos e olhares que pontuam as reações do grupo, expressão facial que indicam concordância ou discordância, indicação ou apontamento com gestos e dedo indicador de ponto de vista (balanço da cabeça em sinal de concordância) e da negociação em torno do referente (gestos ou apontamento em direção à barriga ou para a cabeça feitos por JC e NS, respectivamente);

— atividades corretivas levadas a cabo pelos participantes: repetições, hesitações, correções, reparos, reformulações;

— gestão do tópico conversacional pelos participantes, afásicos ou não-afásicos: “*então... que nem... espera... eu PENso..”; “ISSO...isso”;*

— indicação do gênero ou do estatuto da expressão metafórica em foco: “*como alguma coisa que vai te acontecer...; “expressão, expressão”.*

Considerações finais

Á guisa de conclusão, fechemos esta intervenção com Hanks (2008:172), que nos leva a pensar em alternativas – ainda em construção – que superem as análises dicotômicas, externalistas ou internalistas, relativamente ao contexto:

No decorrer da explicação de uma arquitetura mínima para o contexto do discurso baseada na incorporação e na emergência, fizemos referência a vários processos. Como enfatizamos, todas as unidades envolvidas emergem no tempo, ainda que em níveis diferentes, e a incorporação de uma a outras é um processo dinâmico. Neste ponto, quero resumir e oferecer uma síntese preliminar do processo no qual o contexto ocorre. A primeira classe de processos envolve intencionalidade, tanto no sentido de representação como no de finalidade. Assim quando um falante dirige sua atenção para, tematiza, formula, ou invoca o contexto, ele ou ela o converte em objeto semiótico em uma relação de querer-dizer. De modo semelhante, quando o falante usa pistas gramaticais, entonacionais ou gestuais para sugerir seu footing corrente e para contextualizar seu enunciado corrente, relações semióticas são produzidas entre o fluxo expressivo e o contexto de sua expressão. Em usos dêiticos, os

falantes constroem o contexto, assinalando tanto o referente como a perspectiva sob a qual ele é individualizado. Os performativos austinianos (Austin 1962) fundam-se parcialmente sobre a intencionalidade que liga o conteúdo proposicional ao ato convencional típico, o ato locucionário ao ilocucionário. Todos os tipos de indicialidade criativa mostrados por Friedrich (1979), por Silverstein (1976) e por outros pesquisadores envolvem o uso conseqüente dos signos para invocar contextos e, por meio disso, realizá-los. Através da intencionalidade, os signos e expressões projetam seus objetos e, conseqüentemente, alteram contextos. Os processos inferenciais (interpretação, extrapolação, implicação, enriquecimento contextual) também operam sobre as formas de expressão à luz dos contextos, conferindo-se um importância especial para as estruturas de relevância. Todos esses processos fiam-se criteriosamente na capacidade de os participantes produzirem e avaliarem signos do contexto, e de fazê-lo deliberadamente. Estratégia e improvisação são modos de exercitar essa capacidade. (Hanks 2008:196-7).

Analisando os fenômenos de ordem enunciativa que emergem no episódio apresentado, podemos observar tanto os interacionais, quanto os textuais. Todos os processos *meta* emergentes na construção conjunta da referência discursiva parecem estar ligados à capacidade de os interlocutores produzirem e avaliarem signos do contexto enunciativo, e fazê-lo deliberadamente. Como nos lembra Hanks, “*estratégia e improvisação são modos de exercitar essa capacidade*” (Hanks 2008: 196-7). Cabe-nos o desafio de vislumbrá-la e descrevê-la em meio a práticas discursivas e interacionais nas quais as referências do mundo da linguagem e as do mundo social, não sendo a mesma coisa, parecem como que amalgamadas. Isso parece nos dizer que operar com diferentes dimensões do contexto é um exercício sócio-cognitivo realizado pelos sujeitos que, ao fazê-lo, apontam, na enunciação, uma “dimensão profundamente dialógica e intersubjetiva das manifestações lingüísticas” (Furlanetto 2001). E não só das manifestações lingüísticas, cumpre observar: também de outros processos semiológicos afeitos à linguagem.

Sistema de notação — transcrição

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Incompreensão de palavras ou segmentos	(SI)
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Truncamento ou interrupção brusca	/
Entonação enfática	Maiúscula
Prolongamento de vogal e consoante	: (podendo aumentar de acordo com a duração)
Silabação	-
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Pausas prolongadas (medidas em segundos)	(4s)
Comentários do transcritor e designações gestuais	((minúscula))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição	— —
Superposição	[apontando o local onde ocorre a superposição
Simultaneidade de vozes	[apontando o local onde ocorre a simultaneidade
Indicação de que a fala foi retomada	... no início
Citações literais ou leituras de textos	" "
Indicação e continuidade de gestos significativos, com a descrição de gestos	* início e fim do gesto* *-----L* continuidade gestual

(*AphasiaAcervus* 2003-2006. Morato *et alli* 2006)

Referência Bibliográfica

- AUTHIER-RÉVUZ, Jacqueline. 1998. *As palavras incertas*. Campinas: Ed. da Unicamp.
- FURLANETTO, Maria Marta. 2001. P-PRIME e produção linguística: percepção e preconceito. *Revista Linguagem em (Dis)curso*. (2)1.
- HANKS, William. F. 2008. O que é contexto. In: BENTES, A. C.; REZENDE, R. C.; MACHADO, M. A. R. (Orgs.). *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez.
- JUBRAN, C.; URBANO, H.; FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V.; RISSO, M. S. *et alii*. 1992. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do Português Falado, 2: Níveis de Análise Lingüística*. Campinas: Edunicamp/FAPESP, p. 357-479.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. 1996. Texte et Contexte. In: SCOLA. *Sciences Cognitives, Linguistique & Intelligence Artificielle* 6:40-59.
- KOCH, Ingedore G.V. 2002. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez.
- _____. 2004. *Introdução à lingüística textual*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. 2005. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. 2003. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade cognitiva. *Veredas* 13: 43-62.
- MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniëlle. 1995. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référentiation. Berrendonner, A. & M-J. Reichler- Béguelin. *Tranel* 23: 273-302.
- _____. 2004. L'analyse de corpus dans la perspective de la linguistique interactionnelle: des analyses de cas singuliers aux analyses de collections. In: CONDAMINE, A. (Ed.), *Sémantique et corpus*, Paris: Hermès
- MORATO, Edwiges M. 2007. Aportes da perspectiva sociocognitiva às ações terapêuticas: a experiência do Centro de Convivência de Afásicos (CCA-Unicamp). In: SANTANA, A. P.; BERBERIAN, A. P.; GUARINELLO, A. C.; MASSI, G. *Abordagens grupais em Fonoaudiologia — contextos e aplicações*. São Paulo: Plexus.
- _____. *et alli*. 2006. Tratamento de dados multimodais em práticas interativas de pessoas afásicas e não afásicas registradas em áudio e vídeo no Centro de Convivência de Afásicos (Laboratório de Neurolingüística

- Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp). *Relatório Final* — *Pesquisa CNPq* — Edital Humanas 32.
- _____. 2005. Metalinguagem e referenciação: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto.
- SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A; JEFFERSON, G. 1974. A simplest systematics for the organization of turn-talking for conversation, *Language* 50.
- SALOMÃO, Maria Margarida. 1999. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas* 3(1) 61-79.